

Fenômenos elementares na psicose: O caso Schreber

*Elementary phenomenon in psychosis:
the Schreber's case*

Susane Vasconcelos Zanotti, Thiago Félix Maurício

Resumo

Na clínica contemporânea, as manifestações da psicose nem sempre caracterizam-se por seu desencadeamento, como apresentado por Lacan no Seminário sobre as psicoses. Nesse contexto, o termo psicose ordinária, proposto por Jacques-Alain Miller, refere-se às manifestações discretas da psicose, distintas daquelas discutidas inicialmente por Freud e, posteriormente, por Lacan a respeito da paranoia. O presente trabalho revisita e discute o caso Schreber à luz dos fenômenos elementares, a partir de sua caracterização na clínica lacaniana. Por meio desse retorno à psicose clássica ou extraordinária pretende-se evidenciar o caráter estrutural dos fenômenos elementares e sua pertinência na clínica da psicose não desencadeada.

Palavras-chave

Psicose; fenômenos elementares; caso Schreber.

Abstract

Today's clinical trials have showed that manifestation of psychosis is not always characterized when it is triggered as shown by Lacan in a seminar about psychosis in general. Therefore, in this context, ordinary psychosis proposed by Jacques-Alain Miller, refer to its mild symptoms, unlike those prompted by Freud and later on by Lacan about paranoia. This paper discusses and looks into the Schreber's case from elementary phenomenon according to Lacan's theory. Going back to that classical or extraordinary psychosis, we intend to point out ordinary cases and how they still remain in psychoses that have not been triggered.

Keywords

Psychosis; elementary phenomenon; the Schreber's case.

Susane Vasconcelos Zanotti

**Universidade Federal de
Alagoas**

Doutora em Psicologia - UFRJ.
Estágio Pós-Doutoral -
Université Rennes 2. Professora
do Programa de Pós-Graduação
em Psicologia - Universidade
Federal de Alagoas - UFAL.

susane.zanotti@ip.ufal.br

Thiago Félix Maurício

**Universidade Federal de
Alagoas**

Psicólogo. Mestrando do
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia - Universidade
Federal de Alagoas - UFAL.

thiagofelix31@hotmail.com

As teorizações sobre a clínica da psicose na atualidade, na Associação Mundial de Psicanálise (AMP), incidem nas diferenças apresentadas entre as manifestação da psicose de hoje, comparadas àquelas descritas por Freud e por Lacan. A partir da discussão de diferentes casos clínicos, considerados tipos únicos ou inclassificáveis pela chamada clínica lacaniana estrutural, Miller propõe o termo “psicose ordinária”. O livro “A psicose ordinária” - a Convenção de Antibes (BATISTA; LAIA, 2012), publicado originalmente na França em 1999, discute o termo comum, a psicose ordinária, o qual não deve ser elevado à categoria de um conceito. Como ressalta Brodsky (2011) em seu Seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias, “é uma noção que permite uma orientação na direção do tratamento da psicose, mas também adotar uma perspectiva mais prudente na neurose” (BRODSKY, 2011, p. 15).

A psicose ordinária refere-se às manifestações discretas da psicose, distintas daquelas discutidas inicialmente por Freud e, posteriormente, por Lacan a respeito da paranoia. No entanto, na psicose ordinária constata-se, tal como nas psicoses extraordinárias, a forclusão do significante do Nome-do-Pai (MILLER, 2012). Diante de tal afirmação, a proposta central dessa pesquisa consistiu em revisitar e discutir o caso Schreber à luz dos fenômenos elementares, a partir de sua caracterização na clínica lacaniana. Freud (2010 [1911]), ao analisar o caso do presidente Schreber, concentrou-se na identificação dos delírios e alucinações como características centrais da psicose. Lacan (1988 [1955-56]), no Seminário 3, As psicoses, destaca os fenômenos elementares. Por meio desse retorno à psicose clássica ou extraordinária pretende-se evidenciar o caráter estrutural dos fenômenos elementares e sua pertinência na clínica da psicose não desencadeada.

A pesquisa

A tradição psicanalítica do método de estudo de caso clínico permite diferentes possibilidades para explorar noções das estruturas clínicas propostas por Freud e Lacan. Nesse sentido, foram utilizados fragmentos do texto original escrito por Daniel Paul Schreber (1984 [1903]): *Memórias de um doente dos nervos*. Foram extraídos trechos da obra de Schreber “Memória de um doente dos nervos” para apresentar os fenômenos elementares na psicose. O percurso da análise do material iniciou-se em Freud e sua apresentação do caso clínico, e fundamentou-se no ensino de Lacan e seus comentadores.

Foram utilizados quatro textos como base para as discussões sobre os fenômenos elementares. 1) A obra central, escrita por Daniel Schreber, de origem alemã, título *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*, Ed. O Mutze; Leipzig, 1903. Foi utilizada, na presente pesquisa, sua tradução para o português, realizada por Marilene Carone (1984) A análise das Memórias realizada por Sigmund Freud quando constrói o caso Schreber, intitulada “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (Dementia Paranoides) relatado em autobiografia - “O caso Schreber” (2010 [1911]). Esse trabalho foi utilizado para identificar se Freud abordou os fenômenos elementares na psicose, objeto de investigação do presente trabalho, bem como para avançar na teorização psicanalítica sobre a psicose. 3) O Seminário, de Jacques-Lacan, Livro 3 – As psicoses (1988 [1955-56]), por ter sido identificado neste texto a apresentação dos fenômenos elementares. 4) Discurso do Método Psicanalítico, parte do III cap. do livro Lacan Elucidado de Jacques-Alain Miller (1997 [1987]) por mencionar os fenômenos de automatismo mental, os fenômenos de automatismo corporal e os fenômenos concernentes ao sentido e à verdade.

Nesta pesquisa também foram utilizados autores contemporâneos, de base psicanalítica lacaniana, que abordaram os temas ora discutidos. O critério utilizado para a seleção dos textos deu-se pela escolha de obras que comentassem sobre os fenômenos elementares na psicose a partir da teoria psicanalítica lacaniana tanto na psicose extraordinária quanto na dita psicose ordinária.

Schreber: o caso clínico

O caso clínico de Schreber foi inicialmente utilizado por Sigmund Freud para avançar na teorização psicanalítica sobre a psicose. Freud em “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoidea*) relatado em autobiografia (“O caso Schreber (2010 [1911]) realizou seus estudos através da obra escrita por Daniel Paul Schreber, intitulada *Memórias de um doente dos nervos* (1984 [1903]).

Daniel Paul Schreber era o terceiro de cinco filhos. Seu pai foi Daniel Gottlieb Moritz Schreber, médico ortopedista e pedagogo. A característica educacional paterna pregava uma doutrina educacional rígida e moralista. O irmão mais velho de Schreber suicidou-se aos trinta e oito anos. Pouco se sabe sobre a mãe de Schreber, apenas que era uma mulher pouco afetiva, deprimida e dominada pelo marido (CARONE, 1984).

O histórico clínico de Schreber é marcado por internações em asilos e instituições psiquiátricas. A primeira internação ocorreu aos 42 anos, algum tempo após candidatar-se ao *Reichstag* [Parlamento]. Foi internado por algumas semanas no Asilo público de Sonnenstein e, depois, por seis meses na Clínica Psiquiátrica de Leipzig; O Dr. Flechsig, definiu seu estado, num “parecer formal” depois emitido, como um ataque de severa hipocondria (FREUD, 2010 [1911]).

A segunda internação aconteceu em junho de 1893 após Schreber ser nomeado presidente da Corte de Apelação de Chemnitz. Pouco tempo depois foi internado novamente na clínica psiquiátrica de Leipzig, onde permaneceu por mais seis meses. Esse período foi marcado pelos delírios e alucinações que envolviam religião e as questões sexuais. Schreber achava que seu corpo devia ser transformado em um corpo feminino, e logo após sofrer algum tipo de abuso sexual. Nessa mudança também achava que engravidaria de Deus, e que era um enviado encarregado de melhorar o mundo.

Em 1903, depois de disputas judiciais sobre a privação legal em que se encontrava, foi publicada as “Memórias de um doente dos nervos”, livro escrito por Daniel Paul sobre todo o percurso de sua doença. Mesmo assim, parte de sua obra foi censurada, devido às informações que continha sobre sua família.

O resumo das mudanças efetuadas em Schreber pela doença é apresentado por Freud (2010 [1911]) conforme as duas direções principais do seu delírio. Antes, Schreber inclinava-se à renúncia do prazer e duvidava de Deus; após a doença passou a crer em Deus e entregar-se à volúpia. Porém, assim como a fé readquirida era de natureza singular, também a fruição sexual por ele conquistada era de caráter insólito. Já não era liberdade sexual masculina, mas sensação sexual feminina; ele se colocava femininamente em relação a Deus, sentia-se mulher de Deus (FREUD, 2010 [1911]).

Lacan (1988 [1955-56]) retoma a psicose e a delimita a partir do conceito de foraclusão do Nome-do-Pai. Nome-do-Pai que na teoria lacaniana é função significante, indispensável e fundadora da ordem simbólica. Indica que se deve estudar o caso Schreber através da fenomenologia de sua

linguagem. É, portanto, em torno desses fenômenos alucinados, parasitários, estranhos, intuitivos, persecutórios de que se trata no caso Schreber, o que esclarece uma nova dimensão da fenomenologia das psicoses. Diante da leitura e interpretação do caso Schreber, Lacan (1988 [1955-56]) propõe uma nova forma de estudo sobre a psicose, ao identificar certos fenômenos característicos dessa estrutura. “Temos a forclusão do Nome-do-Pai como dado de estrutura e seu correlato clínico, o fenômeno elementar” (BRODSKY, 2011, p. 22). É nesse sentido que o autor relaciona os fenômenos aos registros do Real, Simbólico e Imaginário, os quais foram designados fenômenos elementares da psicose.

Fenômenos elementares

Lacan, No Seminário 3, nos convida para uma suposta compreensão do fenômeno elementar (LACAN, 1988 [1955-56], p. 218). Esta, inicialmente, é balizada a partir de três ordens: o simbólico, o imaginário e o real. De acordo com Lacan, há fenômenos elementares da ordem do simbólico como vozes, frases, e tudo o que se relaciona com a linguagem – os fenômenos de automatismo mental. Seu maior representante, de acordo com Lacan, é o fenômeno alucinatório, o qual “tem sua fonte no que chamaremos provisoriamente a história do sujeito no simbólico” (LACAN, 1988 [1955-56], p. 22). Há alguns localizados na ordem do imaginário – os fenômenos de automatismo corporal (MILLER, 1997 [1987]). “A relação ao corpo próprio caracteriza no homem o campo, no fim de contas, reduzido, mas verdadeiramente irreduzível, do imaginário” (LACAN, 1988 [1955-56], p. 20). Há outros que colocam em evidência o Real, como o caráter de certeza absoluta – são os fenômenos concernentes ao sentido e à verdade da ordem do real (MILLER, 1997 [1987]). O fenômeno elementar caracteriza um modo de estruturação no qual a não simbolização do significante Nome-do-Pai produz um retorno no real.

A importância do fenômeno elementar é situada na estrutura. A proposta de Miller (2009, p. 7) é de que o fenômeno elementar representa para a psicose o que a formação do inconsciente representa para a neurose; ainda que em escala reduzida, mostra-nos toda a estrutura subjetiva. Tal afirmação é proveniente dos ensinamentos de Lacan, à medida que a estrutura do fenômeno elementar é a linguagem. Os fenômenos elementares são fatos de linguagem característicos da psicose, diferentes dos fatos de linguagem da neurose - atos falhos, sonhos, sintomas (LEITE, 1997). “São fenômenos psicóticos que podem anteceder o delírio e o desencadeamento de uma psicose, e que podem não existir na atualidade do paciente, mesmo que pertença a seu passado e apareça apenas uma vez em sua lembrança” (MILLER, 1997 [1987], p. 227).

Lacan (1988 [1955-56]) afirma que o fenômeno psicótico é a emergência na realidade de uma significação enorme que não se parece com nada – e isso, na medida em que não se pode ligá-la a nada, já que ela jamais entrou no sistema de simbolização – mas que pode, em certas condições, ser uma ameaça. De acordo com esta afirmação, vale ressaltar que para Lacan o “importante do fenômeno elementar não é ser um núcleo inicial, como Clerambault se exprimia, em torno do qual o sujeito faria uma construção, uma reação destinada a enquistá-lo envolvendo-o, e ao mesmo tempo integrá-lo, isto e, explicá-lo como dizem frequentemente” (LACAN, 1988 [1955-56], p.28). O delírio é um fenômeno elementar (LACAN, 1988 [1955-56]). Afirmação apresentada por Miller (2009) em “A invenção do delírio” nos seguintes termos: “o delírio é um fenômeno elementar como o delírio tem a mesma estrutura do fenômeno elementar” (MILLER, 2009, p.6). Ambos estão estruturados como uma linguagem.

O caso Schreber e os fenômenos elementares

Serão apresentadas algumas passagens da obra de Schreber (1984 [1903]) à luz dos fenômenos elementares a partir da tripartição apresentada por Miller (1997 [1987]) ao discutir a importância dos mesmos na avaliação clínica: fenômenos de automatismo mental, fenômenos de automatismo corporal, fenômenos concernentes ao sentido e à verdade.

Como destaca Costa Pereira (1999) o termo “automatismo mental”, tal como empregado por Clérambault, refere-se a esse grupo elementar de sintomas, de natureza sobretudo alucinatório-sensorial, o qual encontra-se na base da psicose. “Todos esses sintomas deixam no sujeito a angustiante impressão de que seu pensamento está sendo controlado por forças exteriores” (COSTA PEREIRA, 1999, p. 144).

O automatismo mental, inventado por Clérambault, permite agrupar tudo que provém de influência externa sobre o sujeito, identificados pela “irrupção de vozes, de discursos alheios na mais íntima esfera psíquica” (MILLER, 1997 [1987], p. 227). Destacam-se as alucinações e intuições delirantes. Essas são caracterizadas como a voz do grande Outro, que realiza a tentativa de significar o sujeito de forma imperativa, sem incertezas ou com abertura para possíveis negociações (FIGUEIREDO; MACHADO, 2000). Identifica-se na obra de Schreber a voz do grande Outro:

Decidi então dar um fim à minha vida através da morte pela fome, recusando qualquer alimento, ainda mais que *as vozes interiores me diziam que era de fato meu dever morrer de fome* [grifo nosso], por assim dizer, deste modo oferecendo-me a Deus em sacrifício e que o prazer de cada refeição, que meu corpo, no entanto, exigia continuamente, era uma fraqueza indigna (SCHREBER, 1984 [1903], p. 57).

Lacan (1988 [1955-56]), em seu Seminário sobre as psicoses afirma que os fenômenos elementares, especialmente a alucinação, sua forma mais característica, mostram-nos o sujeito completamente identificado ao seu eu com o qual ele fala, ou o eu totalmente assumido através do modo instrumental. “No momento em que aparece no real, acompanhado do sentimento de realidade que é a característica fundamental do fenômeno elementar, o sujeito fala literalmente com o seu eu, e é como se um terceiro, seu substituto de reserva, falasse e comentasse sua atividade” (LACAN, 1988 [1955-56], p. 23).

Nos fenômenos de automatismo corporal é identificada a decomposição do próprio corpo: estranheza (sentir o próprio corpo como estranho), desmembramento (sentir que as partes não lhe pertencem), além de distorção temporal no perceber o tempo e/ou deslocamento espacial (MILLER, 1997 [1987]). De imediato, o estranhamento pode ser remetido à experiência do estádio do espelho (LACAN, 1998 [1949]), isto é, primeira relação do sujeito com a sua imagem: a imagem do corpo próprio como outro. “A estruturação imaginária do eu se efetua ao redor da imagem especular do corpo próprio, da imagem do outro” (LACAN, 1995 [1954-55], p. 125).

No corpo, as consequências dessa resposta imaginária são destacadas pela fragmentação corporal – o sujeito não imagina seu corpo como unidade –, sensações de estranhamento, de invasão e manipulação corporal, ecos de pensamento (o sujeito ouve seus pensamentos repetidos), já que o significante não atua enquanto fomentador do corpo que é simbolizado (CASTELLANOS, 2009). No livro de Schreber apresenta-se a invasão e manipulação corporal:

Desde os primórdios da minha ligação com Deus até o dia de hoje meu corpo vem sendo ininterruptamente objeto de milagres divinos [grifo nosso]. Se eu quisesse descrever em minúcias todos esses milagres, poderia encher um livro inteiro. Posso afirmar que não há um único membro ou órgão do meu corpo que não tenha sido durante um tempo prejudicado por milagres, nem um único músculo que não tenha sido distendido por milagre, para pô-lo em movimento ou paralisá-lo, conforme o objetivo visado (SCHREBER, 1984 [1903], p. 109).

A respeito dos fenômenos corporais, Castellanos (2009) ressalta que Lacan reserva ao significante do Nome-do-pai a entrada de sentido de vida, que terá consequências em sua elaboração sobre a psicose, em que a forclusão do Nome-do-Pai e a independência da ordem do imaginário introduziram os fenômenos psicóticos que afetam o corpo (CASTELLANOS, 2009, p. 51).

Por último, os fenômenos concernentes ao sentido e à verdade, não abstrações, nas coisas efetivas da experiência analítica: é quando o paciente diz que pode ler, no mundo, signos que lhe estão destinados, e que trazem uma significação que não pode precisar (MILLER, 1997 [1987]). A certeza absoluta é um indicativo de tal fenômeno. O sujeito psicótico não supõe o saber ao outro, ele tem uma certeza, é um sujeito de certeza, ele não está aberto à significação fálica, não duvida de nada (LEITE, 1997). Tal afirmação pode ser identificada no trecho retirado da obra central do trabalho: “tenho absoluta certeza de que minhas representações anteriores não eram meras “ideias delirantes” e “ilusões dos sentidos”, pois ainda hoje recebo, todos os dias e horas” (SCHREBER, 1984 [1903], p. 140). Segundo Miller (1997 [1987]) é o testemunho do paciente de vivências inefáveis, inexprimíveis, ou de certeza absoluta e, mais ainda, o respeito da identidade, da hostilidade de um estranho. Nesse sentido, a certeza psicótica é absoluta, não está aberta a dúvidas.

Como lembra Figueiredo e Rodrigues (2000, p. 76) a respeito da certeza na teoria lacaniana, “o psicótico tem das suas alucinações seja fruto justamente disto que lhe falta, ou seja, o recalque, e que a certeza que o assola vem em lugar daquilo que ficou foracluído: o Nome-do-Pai”. Constatase que a dúvida é uma característica do neurótico, já que atribui-se uma divisão do sujeito, expostas pelo paradigma do sim e do não. Já na psicose, não há essa dúvida, e sim a certeza. Esta convicção só é posta em dúvida à medida que a forclusão do Nome-do-Pai – “o pai, não como sujeito biológico, mas como significante que na teoria lacaniana é o significante da lei no Outro” (LEITE, 1987, p. 10) - anula o significante fálico, o que resulta na impossibilidade do sujeito situar-se na partilha dos sexos como homem ou mulher. Abaixo um trecho da obra de Schreber em que evidencia o que foi exposto a respeito dessa terceira classe de fenômenos:

Deste modo foi preparada uma conspiração dirigida contra mim (em março ou abril de 1894), que tinha como objetivo, uma vez reconhecido o suposto caráter incurável da minha doença nervosa, confiar-me a um homem de tal modo que minha alma lhe fosse entregue, ao passo que meu corpo — numa compreensão equivocada da citada tendência inerente à Ordem do Mundo — devia ser transformado em um corpo feminino e como tal entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, devendo finalmente ser “deixado largado”, e, portanto, abandonado à putrefação (SCHREBER, 1984 [1903], p. 56).

Essa particularidade da estrutura psicótica pode emergir de diferentes maneiras. A certeza psicótica é lembrada por Leite (1987) como o que caracteriza a irredutibilidade do delírio do psicótico.

O caráter estrutural dos fenômenos elementares

O caso Schreber foi utilizado por fornecer nitidamente exemplos dos fenômenos elementares na ordem do mental, do corporal e da linguagem. Como vimos, a ordem mental tem por sua característica principal a alucinação, a qual é caracterizada pela voz do grande Outro, que ordena a vida do sujeito. A ordem corporal é apresentada pela forma peculiar que o sujeito psicótico relaciona-se com seu corpo. O sujeito muitas vezes não associa seu próprio corpo como uma unidade, sente-se invadido e manipulado por um Outro. A ordem da linguagem é caracterizada por expressões de sentido ou significação pessoal, onde há uma imposição, uma certeza, sem abertura para significações (MILLER, 1997 [1987]).

Apesar do modo extraordinário dos fenômenos elementares no caso Schreber, a metáfora da planta, apresentada por Lacan no Seminário 3, evidencia o caráter estrutural do fenômeno elementar. “São elementares como o é, em relação a uma planta, a folha em que se poderá ver um certo detalhe do modo como as nervuras se imbricam e se inserem – há alguma coisa de comum a toda planta que se reproduz em certas formas que compõem sua totalidade” (LACAN, 1988 [1955-56], p. 28). Essa tese do Lacan é de que a partir da folha, pode-se conhecer a planta ou a árvore (MILLER, 2009).

Lacan ressalta a esse respeito, que a noção de elemento não deve ser tomada de modo diferente da de estrutura, estrutura diferenciada, irreduzível a outra coisa que não ela mesma (LACAN, 1988 [1955-56]). Ainda no mesmo Seminário, Lacan (1988 [1955-56]) reitera que a noção de elemento não deve ser tomada de modo diferente da de estrutura, estrutura diferenciada, irreduzível. Nesse sentido, os fenômenos não são deduzidos, eles reproduzem a sua própria força constituinte.

Na teoria, essa diferença parece simples – se há fenômenos elementares, trata-se de psicose, se não há, trata-se de neurose. A questão que se coloca em primeiro lugar é: como afirmar que se trata de um fenômeno elementar? Miller (1997 [1987]) nos lembra que a avaliação clínica não é tão simples assim. A partir da caracterização que apresenta de fenômenos de automatismo mental, fenômenos de automatismo corporal e fenômenos concernentes ao sentido e à verdade, Miller destaca que esses três pontos podem remeter o analista à uma encruzilhada na escolha entre psicose e histeria; psicose e neurose obsessiva; e também pode se confundir entre psicose e perversão.

No caso da histeria, para utilizar um deles como exemplo, trata-se, em alguns casos de uma difícil escolha entre psicose e histeria “proporcionada pelos fenômenos corporais da distância com respeito ao corpo, ou sentimento de corpo como sendo outro. Um sujeito psicótico e um histérico podem, num dado momento, expressar-se da mesma maneira” (MILLER, 1997 [1987], p. 228). Além do nível corporal, a empatia, a simpatia histérica pelo desejo do Outro, pode ser confundida com o automatismo mental. “Há ainda as alucinações do histérico, que nada tem a ver com as do psicótico. É necessário distinguí-las” (MILLER, 1997 [1987], p. 228).

A segunda questão que se coloca refere-se aos ditos casos de psicose ordinária, como mencionado no início desse texto. De acordo com Miller (2012) esses casos são assim nomeados quando por um lado não se reconhece sinal evidente de neurose, uma relação com o Nome-do-Pai, “não parece ser uma neurose, não tem a assinatura da neurose, nem a estabilidade, nem a constância, nem a repetição da neurose” (MILLER, 2012, p. 410). Por outro lado, não há nítidos fenômenos de psicose extraordinária. “Assim, são levados a dizer que é uma psicose dissimulada, uma psicose velada. Uma psicose difícil de se reconhecer como tal, mas que deduzo de pequenos indícios variados” (MILLER, 2012, p. 404). Pequenos indícios

variados é o termo que Miller utiliza, em substituição aos fenômenos elementares?

A respeito desses pequenos indícios variados, Miller esclarece que se trata de “uma clínica muito delicada e que frequentemente é uma questão de intensidade, uma questão de mais ou menos” (MILLER, 2012, p. 411). Miller afirma que se busca na psicose ordinária a desordem na junção mais íntima do sentimento de vida no sujeito. Desordem que se situa na maneira como cada um experimenta o mundo que o cerca, na maneira como experimenta seu corpo e no modo de se relacionar com suas próprias ideias (MILLER, 2012).

E se não há fenômenos elementares como os que foram extraídos do caso Schreber? Como saber se é uma psicose, uma vez que os fenômenos elementares são a estrutura? Miller nos ajuda a avançar nesse sentido quando retoma a definição de fenômenos de automatismo mental. Afirma que são muito evidentes quando a psicose já se desencadeou. “Contudo, podem estar presente, em silêncio, durante anos, com apenas uma ou duas irrupções na infância ou adolescência, sendo por isso necessário ao psicanalista centrar-se nessa irrupção” (MILLER, 1997 [1987], p. 227). Da mesma forma, os fenômenos de automatismo corporal e os fenômenos concernentes ao sentido e à verdade.

Do lado da psicose ordinária, Miller utiliza o termo desconexão para demonstrar que certas psicoses não conduzem a um desencadeamento, mas caracterizam-se por “um furo, um desvio ou uma desconexão que se perpetua” (MILLER, 2012, p. 424). Tal como os fenômenos elementares, parece que há, também no caso da psicose ordinária uma busca por indícios que levam a suspeitar de um caso de psicose. Nesse caso, a partir da descrição dos fenômenos elementares e do seu caráter estrutural, como não aproximá-los dos pequenos indícios de forclusão ao qual Miller (2012) se refere na psicose ordinária? A partir do exposto, na clínica contemporânea, não seria possível estarmos diante de fenômenos elementares evidentes ou fenômenos elementares discretos?

Sobre o artigo

Recebido: 21/04/2014

Aceito: 08/06/2014

Referências bibliográficas

CASTELLANOS, S. El cuerpo en la enseñanza de Lacan. In: CASTELLANOS, S. **El dolor y los lenguajes del cuerpo**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009, p. 49-58.

BATISTA, M.C.D.; LAIA, S. (Org.). **A Psicose Ordinária**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

BRODSKY, G. **Loucuras discretas: um seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2011

CARONE, M. Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura. In: SCHREBER, D. S. **Memórias de um doente dos nervos**. Rio de Janeiro: Edições Graal, p. 7-19, 1984.

COSTA PEREIRA, M.E. 'O 'automatismo mental' e a 'erotomania', segundo Clérambault'. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 2, n. 1, São Paulo, p. 141-145, 1999.

FIGUEIREDO, A.; MACHADO, O. O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 65-86, 2000.

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*dementia paranoides*) relatado em autobiografia ("O caso Schreber") (1911). In: FREUD, S. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, v. X, p. 1911-1913.

LACAN, J. **O Seminário, livro 3: as psicoses** (1955-56). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

LACAN, J. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-55). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 96-103.

LEITE, M. **Sobre psicose**. Ensino continuado – A feminilidade IV. IMP: Instituto Márcio Peter. 22 de maio de 1997, p. 1-2. Disponível em: <http://www.marciopeter.com.br/links2/ensino/feminilidade/04_sobre_psicose.pdf> Acesso em: 05 mar. 2012.

LEITE, M. **Questões preliminares à psicanálise de psicóticos**. IMP: Instituto Márcio Peter. 1987, p. 1-13. Disponível em: <<http://www.marciopeter.com.br/sitev2/images/pdf/biblioteca/questoes-preliminares-a-psicanalise-de-psicoticos.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2012.

MILLER, J. A. Discurso do método psicanalítico (1987). In: MILLER, J. A. **Lacan Elucidado. Palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 221-229, 1997.

MILLER, J. A. A invenção do delírio. **Opção Lacaniana Online**. nº 5. Jan. 2009. Disponível em: <<http://www.opcaolacanianana.com.br/antigos/index.asp>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

MILLER, J. A. Efeito do retorno à psicose ordinária. In: BATISTA, M.C.D.; LAIA, S. (Org.). **A Psicose Ordinária**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, p. 399-427, 2012.

SCHREBER, D. S. **Memórias de um doente dos nervos** (1903). Tradução de Marilene Carone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.